

OS IMPACTOS DA PANDEMIA E A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO: UM OLHAR SOBRE O PROCESSO DE UBERIZAÇÃO

JOSELY FERREIRA RIBEIRO¹;

MARIA FERNANDA DIAS DE ARAÚJO²

ROSEANE RIBEIRO MENDONÇA³

¹ Doutora em Educação pela Universidade Católica de Petrópolis.

Professora da Secretaria Municipal de Educação de Juiz de Fora/MG.

josely@gmail.com.Fora

² Acadêmica do Curso de Psicologia- Centro Universitário UNIVERSO Juiz de Fora.

³ Docente do curso de Psicologia - Centro Universitário UNIVERSO Juiz de Fora.

Introdução

O processo de Uberização do Trabalho, transcende ao conceito que se relaciona com o que é comumente conhecido como de motorista de Uber.

O desenvolvimento desse trabalho se deu por meio de leituras do processo de Uberização dentro da Psicologia Social, surgindo a partir de uma série de inquietações com relação a pandemia e as suas modificações na área do trabalho. Sendo assim tem como objetivo realizar uma reflexão sobre os impactos trazidos pelo processo de Uberização na vida dos trabalhadores levando em conta a precarização do trabalho diante desse processo juntamente com o momento da pandemia. Dessa forma, se centralizou em analisar o impacto do processo de Uberização na vida dos trabalhadores e a precarização do trabalho considerando a informalidade desse processo. Entende-se a importância dele para analisar a mudança no processo de modificação das formas de trabalho, os impactos gerados pela pandemia durante esse processo e a mudança na qualidade de vida dos profissionais como também realizar inquietações que fomentem estudos posteriores.

Com relação a metodologia pode-se dizer que o estudo é de cunho qualitativo, por meio da análise de conteúdo da literatura recente e publicações com temática aproximada, revisitando a literatura existente, buscando identificar os dados investigativos. Realizou-se a conceituação da precarização do trabalho e qualidade de vida problematizando como o impacto da pandemia. Essa análise buscou problematizar o impacto desse processo na vida desses profissionais, que trabalham com veículo

motorizados ou não, que conduzem a precarização do trabalho, na qualidade de intensificados pela pandemia. Portanto, entende-se a importância desse estudo pelo fato da análise que realiza, gerando inquietações, apontando para a mudança no processo de modificação das formas de trabalho, gerando mudança na qualidade de vida dos profissionais.

Atualmente, o termo Uberização é ampliado e abarca todos os trabalhos que envolvem plataformas e operadoras de aplicativos que oferecem serviços por essa via. Esse movimento se intensifica com a ampliação tecnológica, que ao longo dos anos foi se consolidando na sociedade, por essa extensão no termo, deve ser problematizado. É notório as implicações desse processo na vida dos sujeitos que se ofertam desse serviço como também daqueles que utilizam dessa realidade como fonte de renda principal ou secundária em suas vidas. A Uberização tem sido foco de inúmeras pesquisas e estudos devidos seu caráter informal, por um possível desencaixe do trabalhador no sistema impulsionado pela tecnologia (MACHADO, 2017). Essa condição conduz a um impasse de liberdade no trabalho, auto-gestão, flexibilidade, camuflados por uma contraditória impressão de controle, permeado pelo conceito de precarização no modelo trabalhista. Desse modo, as investigações que sucedem desse movimento no período de pandemia se tornam relevantes na medida que faz importante analisar seus impactos.

Todo esse processo tem gerado influências na saúde do trabalhador por se considerar essa esfera indissociável aos aspectos psicológicas e físicos podendo gerar adoecimento do sujeito (BRASIL, CFP, 2019). A pandemia conduziu muitos sujeitos, que por diversas razões ao trabalho informal. A Uberização é um desses polos de alocação do sujeito ao meio de trabalho. Não obstante, não se pode desconsiderar a qualidade de vida nesse processo. A Qualidade de Vida no Trabalho tem se preocupado em ir além dos estudos sobre o bem estar geral, centrada na saúde dos colaboradores, na satisfação e no desempenho dos trabalhadores em suas atividades (CHIAVENATO 2009). Dessa maneira, se faz ainda mais relevante discutir esse processo e os seus impactos na vida desses trabalhadores, considerando agravante momento pandêmico, justificando a pesquisa proposta.

Desse modo, nessa pesquisa, buscou-se investigar os impactos do processo de Uberização na vida dos trabalhadores, especialmente em tempos de pandemia. Essa inquietação sobre o processo de aproximar do campo da Psicologia Positiva (BOEHS, SILVA 2018) por se atrelar à importância de qualidade de vida para a saúde do trabalhador. Tão logo, pretende-se discutir sobre a valorização do trabalho, o significado

de segurança, capaz de oferecer o auto- crescimento, alicerçando-se nos pontos de justiça e equidade relativos à sua atuação (BOEHS, SILVA, 2018). Percebe-se que essas condições podem gerar um processo de estresse, desdobrando nos aspectos físicos, como também mentais em decorrência a situações ambientais (CHIAVENATO,2009).

1- Uberização precarização e qualidade de vida: conceitos em discussão

A discussão proposta para o presente artigo pretende cotejar conceitos de uso cotidiano. Por vezes, percebe que há incompreensões conceituais acerca da temática abordada. Para tanto, pretende-se elucidar, teoricamente, sobre cada conceito, a fim de que a relação estabelecida como objetivo do artigo possa ser feita de forma eficaz. Segundo Chiavenato, 2004:

O termo Qualidade de Vida no Trabalho (QVT) foi cunhado por Louis Davis, na década de 1970, quando desenvolvia um projeto sobre desenho de cargos. Para ele, conceito de QVT refere-se à preocupação com o bem-estar geral e a saúde do trabalhador no desempenho de suas tarefas. Atualmente esse conceito envolve tanto aspectos físicos e ambientais, como também aspectos psicológicos do local de trabalho. De um lado a reivindicação dos empregados quanto ao bem-estar e satisfação no trabalho, e do outro lado, o interesse das organizações quanto aos seus efeitos para potencializar a produtividade e a qualidade (CHIAVEVENATO, 2004, pág.3).

O processo de Uberização não se refere somente a compreensão sobre o conceito que se relaciona ao motorista de Uber. A palavra, UBERIZAÇÃO, é usada em relação ao aumento do uso do aplicativo de Uber, mas é ampliado para todos os trabalhadores de aplicativos, de diversas plataformas. Esse movimento é intensificado na medida em que a revolução tecnológica se consolida na sociedade. A ilusão de liberdade, gerenciamento do tempo e das condições do trabalho, disfarçam e bulam as reais condições de precarização e submissão, as quais os trabalhadores se emergem. Desse modo, por uberização entende-se que é notório as implicações desse processo na vida dos sujeitos que se ofertam desse serviço como também daqueles que utilizam dessa realidade como fonte de renda principal ou secundária em suas vidas. A Uberização tem

sido foco de inúmeras pesquisas e estudos devidos seu caráter informal, por um possível desencaixe do trabalhador no sistema e impulsionado pela tecnologia (MACHADO, 2017). Essa condição conduz a um impasse de liberdade no trabalho, auto-gestão, flexibilidade, camuflados por uma contraditória impressão de controle, permeado pelo conceito de precarização no modelo trabalhista. Desse modo, as investigações que sucedem desse movimento no período de pandemia se tornam relevantes na medida que faz importante analisar seus impactos.

Com relação a estudos e pesquisas acerca da Qualidade de Vida no Trabalho, percebe-se que tem se preocupado em ir além dos estudos sobre o bem estar geral, centrada na saúde dos colaboradores, na satisfação e no desempenho dos trabalhadores em suas atividades (CHIAVENATO 2009). Por Qualidade de Vida (QV), entende-se a relação com o grau de satisfação que o colaborador apresenta com relação as suas funções exercidas levando em conta o seu local de trabalho. Pois, a satisfação do colaborador está ligada aos resultados que a empresa pode obter. Segundo a Revista

“saúde do trabalhador no âmbito da saúde pública: referências para a atuação do psicólogo”, 2019, o campo da saúde do trabalhador demanda uma prática da Psicologia com relação ao trabalho, as estruturas e os processos responsáveis pela sua organização.

Desse modo, a QV é verificada em várias acepções e relacionada à saúde, moradia, lazer, hábitos de atividade física e alimentação, resultando em fatores que geram uma percepção positiva de bem-estar (ALMEIDA, GUTIERREZ e MARQUES, 2012), determinados por condições mentais, ambientais e culturais (MINAYO et al., 2000). Assim, deve considerar inúmeras variáveis que a compõem e os vínculos entre elas (ALMEIDA, GUTIERREZ e MARQUES, 2012).

Segundo (MACHADO, 2021), a vida do trabalhador com a uberização esse tornou cada vez mais precária, exigente, controlada e desgastante. Os benefícios favoráveis ao trabalhador têm sido insuficientes para motivá-lo a se comprometer com uma empresa. Os trabalhadores não têm nenhum tipo de proteção como plano de saúde, equipamentos de proteção individual, não possuem vínculos empregatícios, e recebem pouco pelo trabalho executado. Diante da situação vivenciada, as perspectivas de um trabalho com melhores condições têm sido pequenas e o desemprego cresce em detrimento do aumento da concorrência e da substituição por máquinas. Muitos dos trabalhadores arriscam-se a ter seus próprios negócios, e a serem seus próprios patrões, o que possibilita a chance de terem flexibilidade. No entanto, esses, não são resguardados por leis trabalhistas e todo o risco enfrentado na prestação de serviço é

transferido exclusivamente ao trabalhador. O risco deveria ser responsabilidade de quem se apropria da geração de valor, do lucro, ou seja, da empresa empregadora.

Após a revisão dos conceitos, e a apresentação da importância da presente discussão, pretende-se articular os conceitos, em uma contextualização eu reporta o uso da mão de obra de pessoas, em um processo que precariza sua mão de obra, em função da necessidade de se inserir no mercado de trabalho, em torno de um discurso que aponta para a livre gerencia da vida das pessoas.

2- Uberização precarização do trabalho x livre gerencia da gestão do trabalho

O processo de Uberização teve grande impulso com a crescente difusão tecnológica. Pode-se afirmar que esse sistema emerge do advento da tecnologia compreendendo esse fenômeno como um de seus desdobramentos. Cabe nesse momento conceituar esse processo nas palavras de Abílio (2014):

A uberização do trabalho é analisada por meio de duas teses: 1) trata-se de uma tendência global em curso de consolidação do trabalhador em um auto gerente subordinado disponível, desprovido de garantias e direitos, definido como trabalhador just-in-time; 2) as empresas se apresentam enquanto mediadoras, quando, em realidade, operam novas formas de subordinação e controle do trabalho; trata-se do gerenciamento algorítmico do trabalho (ABÍLIO, 2014, pág.238).

A pandemia da Covid-19 intensificou a precarização das relações de trabalho ao mesmo tempo em que desvela algumas de suas ideologias. Se os dados do mercado de trabalho e regulamentação de algumas atividades já mostravam um cenário desfavorável à classe trabalhadora no período imediatamente anterior aos primeiros casos de Covid-19 no Brasil, as medidas de isolamento social, associadas a medidas, no mínimo, tímidas do Estado para compensar o afastamento dos trabalhadores de suas atividades laborais, gerando a exposição ao risco, a insegurança e o desemprego, sendo agravadas pelas recentes retiradas de proteções sociais da população. A precarização está intimamente associada à economia política. Inovações tecnológicas e transformações sociais estão de tal modo enlaçadas que é difícil pensar em um novo equipamento que não tenha alterado a forma como alguém realizava determinada atividade. Em última instância, o fator tempo é um dos principais motivadores, uma vez que as novas

tecnologias prometem que certas atividades serão feitas de modo mais rápido, reduzindo o tempo empregado.

Por outro lado, há uma linha de pensamento ideológico que aponta para essa forma de trabalho ser condizente como o modelo de trabalho atual, onde há livre escolha do tempo trabalhado, escolha da forma que vai realizá-lo, logo, um livre gerenciamento. Percebe-se que a tecnologia, associada a esse campo, fomentou um lado mais sombrio, onde ofereceu uma forma de trabalho bem precarizada do trabalho. Sem as leis que protegem um trabalhador, esse tipo de trabalho tira do estado a responsabilidade perante a ele. Por não ter muitas opções, o trabalhador é obrigado a se submeter a um afazer tão precário que exige muito de si. Se por um lado é um ofício que é autônomo, sem chefe, sem regras, onde você mesmo o gerencia, por outro está exposto a esse somatório de fragilidades. Cabe a questão, mas isso vale mesmo a pena? O texto: “A uberização” e encruzilhadas do mundo de trabalho, (MACHADO, 2017), trata da relação entre o trabalho e as novas tecnologias. A precarização dele não é novidade, onde o que há de novo é o uso delas. Alguns trabalhadores com isso, estão se tornando “microempreendedores”, passando a liberdade sobre seu trabalho, onde a empresa oferece infraestrutura para a realização, mas ao mesmo tempo que se livra do vínculo empregatício, a uberização mantém o controle, o gerenciamento e a fiscalização sobre ele. A multidão passou a executar o comando, avaliando o trabalhador (delivery). A exploração do trabalho está assentada numa enorme mobilidade do capital como desregulamento de fluxo financeiro e investimento, esta exploração tem causado danos como suicídio, aumento do stress, depressão e ansiedade nas pessoas. Onde vamos chegar? As forças do trabalho são atacadas em dimensões cada vez mais piores, o capital está cada vez mais centralizado e a uberização está diretamente ligada ao empreendedorismo.

Contudo, faz-se necessário repensar esse modelo e refletir sobre o que se considera livre. Essa liberdade de trabalhar as horas que deseja quando quer e da maneira que desejar, implica sim na livre gerencia de trabalho, mas em contrapartida aponta para um processo de diminuição dos direitos e uma ideologia de estado mínimo, tão cara ao neoliberalismo.

Outro aspecto fundamental que não pode ser esquecido nessa análise é que o trabalho informal já conhecido dentro do processo de globalização é resultado do “desencaixe” do trabalhador nos meios de produção capitalista, se reconfiguram com a expansão tecnológica. Isto é, aqueles trabalhadores que não se ajustavam no sistema,

atualmente atuam como profissionais informais submetidos, muitas vezes, a aplicativos que gerenciam suas vidas. Entretanto, a falsa ilusão de “nanoempreendedor” é desvelada pelo processo em que se reconhece que seu trabalho é gerenciado pelas empresas que se autodenominam como “parceiras. Essas parceiras, definem seus ganhos, a forma de avaliar os trabalhadores, bem como as regras de estimular a produtividade que por sua vez, propõe cada vez mais uma jornada de trabalho estendida. O trabalhador em busca de maior renda, se rende a essa proposta empenhando cada vez mais em uma jornada extensa. Em contrapartida, o Estado se exime de qualquer responsabilização afinal, ele não é mais implicado neste processo regulatório de segurança e garantia do trabalhador.

Fundamentalmente, esse processo não só se fortalece, como um mercado virtual informal, como também enfraquece a estrutura física que passa por todo processo regulatório formal e legal, implicamos conseqüentemente, a longo prazo, com a estruturação do Estado, principalmente em termos econômicos. Todo esse processo é endossado pela condição que salta aos olhos do consumidor capitalista: um bom produto a preço baixo. Esses sujeitos submetidos a esse processo de informalidade, são trabalhadores desempregados ou que em uma melhor das hipóteses, vendem seu tempo extra, para complementar sua renda. Esse processo de informalidade, tem suas bases embrionárias no “trabalho escravo” no recrutamento de trabalhadores ou empresas para revendedoras por folhetos, como outros processos de terceirização do trabalho, que aos poucos foram se reconfigurando juntamente ao avanço do processo tecnológico. Esse processo também ocorre com profissionais de alta qualificação, como médicos, em número de consultas por hora e professores que são contratados para trabalharem em EAD. Como tutores, desconsiderando a sua forma e os remunerando bem abaixo da categoria, indicando da mesma forma a precarização pela facilidade oportunizada pela tecnologia e a otimização dos tempos e espaços via internet.

Portanto, várias formas de resistência são possíveis. Nessas experiências acerca do processo de reivindicações de “informalidade”, percebe-se que as organizações sindicais, que antes mobilizavam os trabalhadores nas ruas, em frente aos seus postos de trabalhos físicos, são substituídos por movimentos virtuais. Esses movimentos expressam grande relevância devido a sua amplitude gerada pelas redes. Isso se permite porque todos já estão imersos no mundo digital. A essa discussão cabem inúmeros debates que podem ser desdobrados por temáticas específicas, devido à sua complexidade.

Tão logo pode-se perceber que há uma “uma falsa” impressão de liberdade. O livre gerenciamento apresentado tem mais pontos negativos e pontos positivos, o que faz desse processo ainda mais perverso e logo passível a inúmeras críticas.

Algumas Conclusões

Atendendo os eixos de análise propostos, que são a inserção no processo de uberização, a questão qualidade de vida e a satisfação no trabalho, considerando o contexto da pandemia, realizou-se algumas inferências. Contudo, pode-se antever que o processo de uberização crescente tem gerado inúmeros impactos na vida do trabalhador, mas esse ainda tem sido o maior locus de abertura para a mão de obra informal que tem atraído muitas pessoas no período de pandemia, visto o crescente índice de desemprego.

Com relação à crescente demanda do uso do APP de Uber, é importante que parte das empresas responsáveis pelo setor de transportes privados de passageiros, possam entender o comportamento de seus consumidores. O trabalhador de Uber é considerado o dono do veículo sendo responsável por todas as despesas de manutenção, incluindo limpeza, alimentação, entre outras questões. Portanto, o aplicativo fica como parte do que é produzido onde se beneficia por meio da desregulamentação deste tipo de atividade. Esta afeta as proteções do trabalhador onde as empresas por fim, continuam obtendo um poder diretivo e também, considerado disciplinar sobre os trabalhadores.

Evidentemente, existe ainda uma falsa noção com relação à flexibilidade de horário de trabalho, onde o que acaba se evidenciando de fato é uma disponibilidade total para o trabalho. Sendo assim, o trabalhador passa a maior parte do tempo em busca de adquirir uma remuneração suficiente. É de suma importância que o poder público tenha agilidade na regulamentação e na fiscalização das atividades, levando em conta as condições humanas dos trabalhadores juntamente, com a função social da empresa, para que os direitos mínimos dos trabalhadores possam ser garantidos. Um dos enfrentamentos passados pelos trabalhadores é com relação aos seus ganhos no que diz respeito aos valores repassados pelas plataformas aos motoristas não sendo reajustados desde o ano de 2016, segundo a Pesquisa Fairwork. Devido as empresas não realizarem a criação de canais de negociação oficiais com a categoria, a Uber procurou desmobilizar os motoristas convidando para uma reunião com influenciadores, onde algumas melhoras puderam ser apresentadas com relação ao seu sistema de

funcionamento. É importante compreender o que levou estes trabalhadores a aderirem a estes empregos onde a flexibilidade dos horários é considerada como sendo a principal qualidade apontada pelos trabalhadores nesta modalidade de trabalho. É necessário realizar o combate ao desemprego, a valorização salarial das profissões além da ampliação dos direitos trabalhistas. Também, iniciativas devem ser tomadas para que os direitos previstos na CLT sejam garantidos aos trabalhadores. Sendo assim, o direito de greve e de associação devem ser considerados alguns dos pilares para realizarem o combate do poder das plataformas.

Referências

ABÍLIO, L. **Sem maquiagem: o trabalho de um milhão de revendedoras de cosméticos**. São Paulo: Boitempo, 2014, pág.238.

ALMEIDA, GUTIERREZ e MARQUES. **Revista Multidisciplinar e de Psicologia** N° 42, 2012.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Editora Edições 70, 2009.

BOESH, SILVA, Samantha, NARBAL (2018). **Psicologia positiva nas organizações e no trabalho: conceitos fundamentais e sentidos aplicados**. Vetor, Editora.

Conselho Federal de Psicologia (Brasil) (2019). **Saúde do trabalhador no âmbito de saúde pública: Referência para a atuação do (a) psicólogo (a)** 2° ed. Brasília; 2019.

CHIAVENATO, Idalberto (2009). **Gestão de Pessoas: O novo papel dos recursos humanos nas organizações**. 3. ed., rev. e atual. Elsevier, Rio de Janeiro, 2009.

CHIAVENATO, Idalberto (2004). **A influência dos fatores da qualidade de vida no trabalho e o seu impacto no desempenho pessoal: o caso de uma instituição de ensino superior**, 2004, pág.3.

MACHADO, Ricardo (2017). **A uberização traz ao debate a relação entre precarização do trabalho e tecnologia. “A uberização” e as encruzilhadas do mundo do trabalho**. Revista do Instituto Humanistas N° 503, Ano XVIII, 2017.

MACHADO, Ricardo. **Uberização traz ao debate a relação entre precarização do trabalho e tecnologia.** Unisinos. br. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/6826-uberizacao-traz-ao-debate-a-relacao-entre-precarizacao-do-trabalho-e-tecnologia>>. Acesso em: 19 fev. 2021.

MACHADO, Ricardo. **Uberização traz ao debate a relação entre precarização do trabalho e tecnologia. A ‘‘Uberização’´ e encruzilhadas do mundo do trabalho**, ed. N°503, p.20-27, 24 abr.2017.

MODA, Felipe. **Reflexões a partir da greve na Uber.** Publicado 18/05/2023 às 16:39.

SELIGMAN, Martin E.P (2012). **O que é bem estar. Florescer.** Editora objetivo, 2012.

SPECTOR, Paul E (2019). **Psicologia nas organizações: sentimento em relação ao trabalho, atitudes e emoções no trabalho.** Bauru São Paulo, 4° ed. Saraiva.

____. **Uberização do trabalho: A subsunção real da viração**, Site Passapalavra/ Blog da Boitempo, 2017.

____. **Uberização e viração: mulheres periféricas no centro da acumulação capitalista.** Revista Margem Esquerda, São Paulo, n.31, p.54-61, 2018.

____. **Uberização: Do empreendedorismo para o autogerenciamento subordinado.** Revista Psicoperspectivas, v.18, n.3, 2019.